



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/FRANCÊS**

ELIENE NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS ENTRE O “MOLEQUE”
E O “MENINO”: AS DIVERGÊNCIAS DOS SUJEITOS
NAS OBRAS REGIONALISTAS *MENINO DE ENGENHO*
E *O MOLEQUE RICARDO* DE JOSÉ LINS DO REGO**

OIAPOQUE /AP

2019

ELIENE NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS ENTRE O “MOLEQUE”
E O “MENINO”:** AS DIVERGÊNCIAS DOS SUJEITOS
NAS OBRAS REGIONALISTAS *MENINO DE ENGENHO*
E *O MOLEQUE RICARDO* DE JOSÉ LINS DO REGO

Artigo Científico a ser apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/ Francês da Universidade Federal do Amapá - Campus Binacional do Oiapoque – como requisito para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora:

Prof.^a. Me. Lucinéia Alves dos Santos

OIAPOQUE /AP

2019

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as duas obras de José Lins do Rego, *Menino de Engenho* (1932) e *O Moleque Ricardo* (1935) que fazem parte do denominado ciclo da cana de açúcar. O trabalho realiza um percurso crítico sobre dois personagens da literatura brasileira nordestina. O primeiro livro analisado tem como personagem central Carlos de Melo, neto de José Paulino, dono do engenho Santa Rosa no qual vive suas primeiras experiências de infância sob a perspectiva de uma criança muito protegida da casa-grande. O segundo livro que narra a história de um jovem negro chamado Ricardo que, ao fugir de trem do engenho Santa Rosa, encontra na cidade uma nova perspectiva de vida. Os enredos inicialmente acontecem no Engenho, pois os dois romances trazem os personagens neste ambiente campestre. As obras retratam um período de muitas mudanças sociais, entre elas a Abolição da Escravatura. A pesquisa busca analisar os fatos que trazem criticamente as questões de segregação das personagens, bem como os fatos que narram as diferenças dos personagens em suas relações afetivas, e convivências sociais e assim, tenta trazer à luz os meios pelos quais as identidades se diferenciam, sobretudo na visão que autor atribui a cada personagem, até mesmo na perspectiva dos títulos das obras, onde Ricardo é descrito como um moleque e Carlos de Melo é tratado como menino. Para esta análise utilizou-se de teorias literárias e sociológicas. A partir dos elementos destacados, o trabalho traça um percurso para compreender como as divergências sociais atingem de forma brusca as relações étnico-raciais sobretudo a integridade dos negros na década de 30, período pós Abolição. Para tanto, discorreu-se sobre as influências que as obras emitem no âmbito social, elucidando as indagações que autor distribui nas obras, principalmente o tratamento que os personagens negros recebem.

Palavras-chave: Personagens. Escravatura. Literatura

RESUMÉ

L'article présente pour objectif d'analyser les œuvres de José Lins do Rego, *Menino de Engenho* (1932) et *O Moleque Ricardo* (1935) qui font partie du cycle dit de la canne à sucre. Le travail prend un cours critique sur deux personnages de la littérature brésilienne du nord-est. Le premier livre à analyser a pour personnage central Carlos de Melo, petit-fils de José Paulino, propriétaire du moulin de Santa Rosa, où il a vécu ses premières expériences dans la perspective d'un enfant très gardé dans la grande maison. Le deuxième livre raconte l'histoire d'un jeune Noir, nommé Ricardo, qui, s'échappant en train du moulin, Santa Rosa, découvre dans la ville une nouvelle perspective de la vie. Les intrigues se déroulent initialement dans l'usine, car les deux romans amènent les personnages dans ce décor champêtre. Les œuvres décrivent une période de nombreux changements sociaux, y compris l'abolition de l'esclavage. La recherche cherche à analyser les faits qui soulèvent de manière critique les problèmes de ségrégation des caractères ainsi que ceux relatant les différences de caractères dans leurs relations affectives, et leur coexistence sociale, et tentent ainsi de mettre en lumière les moyens par lesquels les identités diffèrent, en particulier dans la vision que l'auteur décrit chaque personnage. Ainsi, du point de vue des titres des œuvres dans lesquelles Ricardo est décrit comme un "moleque" et Carlinhos est traité comme un garçon. Pour cette analyse, nous avons utilisé des théories littéraires et sociologiques. À partir de ces éléments exceptionnels, le document trace une voie pour comprendre comment les divergences sociales affectent de manière abrupte les relations entre ethnies et races, en particulier l'intégrité des Noirs dans les années 1930, après l'abolition. Discutez des influences que les œuvres apportent dans le domaine social, en élucidant les questions que l'auteur pose dans les œuvres, en particulier le traitement que les personnages noirs reçoivent.

Mots-clés: Personnages. L'esclavage. Littérature



ATA DE DEFESA

No dia 11 de dezembro de 2019, às 14h30min. (quatorze horas e trinta minutos), em sessão pública na sala D1 do Campus Binacional do Oiapoque, na presença da Banca Examinadora presidida pela Profa. Mestra Lucinéia Alves dos Santos e composta pelos examinadores Prof. Mestre Luis Carlos de Santana e Prof. Mestre Rafael Costa Santos, a acadêmica **ELIENE NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO SILVA** apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS ENTRE O "MOLEQUE" E O "MENINO": AS DIVERGÊNCIAS DOS SUJEITOS NAS OBRAS REGIONALISTAS MENINO DE ENGENHO E O MOLEQUE RICARDO DE JOSÉ LINS DO REGO** como requisito curricular indispensável para a integralização do curso de Licenciatura em Letras- Francês. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho, atribuindo nota 9,0 + nove. Para constar, eu, Profa. Mestra Lucinéia Alves dos Santos, presidente dessa sessão pública de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, lavrei esta ATA e procedi à assinatura, junto com os demais membros da Banca Examinadora.

Oiapoque, 11 de dezembro de 2019.

Profa. Mestra Lucinéia Alves dos Santos
Presidente e orientadora

Prof. Mestre Luis Carlos de Santana
Membro da Banca Examinadora

Prof. Mestre Rafael Costa Santos
Membro da Banca Examinadora

Direção Geral
Email: oiapoque@unifap.br
Contato: (96) 3521-2504 / 3521-2113

CAMPUS BINACIONAL – Oiapoque
Rodovia BR-156, nº 3051 – km 01
CEP 68900-000 www.unifap.br

INTRODUÇÃO

Os romances *O Moleque Ricardo* e *Menino de Engenho* fazem parte das obras que relatam o denominado ciclo da cana-de-açúcar escrito por José Lins do Rego, autor Paraibano e um dos expoentes do regionalismo modernista brasileiro. Nesse momento (Modernismo Brasileiro), escreve e publica suas primeiras obras *Menino de Engenho* (1932) *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934) e *O Moleque Ricardo* (1935), posteriormente produzirá outros romances. O autor aborda em seus escritos o pós-abolicionismo e a decadência dos engenhos, assim transita entre as problemáticas sociais e políticas de sua época, deixando suas impressões sobre elas. Lins apresenta um momento transitório, e da ordem escravocrata agroexportadora para a industrialização, dos banguês para as usinas, do escravo para o empregado.

A literatura que o autor propõe, demanda de opiniões favoráveis e desfavoráveis sobre a situação do negro no Brasil, principalmente sobre a escravidão, já abolida no país. Nesta perspectiva, propõe-se analisar duas de suas obras que possuem lados distintos da realidade nordestina na década de 30. Para tanto, o trabalho, cuja metodologia é a pesquisa bibliográfica, terá como capítulos “O negro na literatura brasileira”, onde será feito um breve histórico sobre o negro na literatura de modo geral e “O Menino e o Moleque”, onde será apresentada a análise dos romances com ênfase nos aspectos raciais.

De início, temos a obra intitulada *Menino de Engenho*, escrita em 1932, que foi o primeiro romance publicado do autor com grande repercussão literária. Esta obra tem como narrador-protagonista o menino Carlos de Melo que aos quatro anos, de maneira trágica, perde sua mãe que foi assassinada pelo seu pai. A partir deste momento, começa a jornada do personagem no engenho Santa Rosa ao lado de seu avô José Paulino, dono do engenho, de seus tios e dos agregados da casa-grande.

Como contraponto, temos o romance intitulado *O Moleque Ricardo*, narrado em terceira pessoa que traz um personagem negro, nascido no Engenho Santa Rosa, filho da Mãe Avelina. A narrativa, inicialmente, acontece ainda no cenário do engenho com as pretensões de fuga do protagonista Ricardo, neste ambiente a obra relata o desejo de Ricardo de se “dar bem” na cidade grande e traz as perspectivas de um jovem negro

inconformado com a sua situação social. O engenho é o cenário onde os personagens se descobrem desde a infância com decepções, travessuras, alegrias, tristezas e experiências sexuais.

As vidas dos personagens Carlos e Ricardo são os destaques nos dois romances. Porém a situação social dos dois é diferente. Ricardo é um dos moleques do engenho, com várias funções de trabalho na Fazenda, e Carlinhos, como é chamado, possui outra rotina, a de neto de Senhor de Engenho. A relação entre as duas personagens é estabelecida inicialmente na obra *Menino de Engenho* onde ambos se conheceram e viveram momentos parecidos nas brincadeiras de criança. Estas obras representam as classes sociais em formação das décadas pós-Abolição, de um modo geral, as narrativas estabelecem a divisão de trabalhadores e patrões que abordam os problemas recorrentes da sociedade, como a miséria, a segregação dos negros no campo e na cidade.

A análise proposta destas obras nos permite identificar: As diferenças entre os personagens nos seus meios sociais e familiares. A formação de identidade dos personagens revelando as mazelas sociais, através da divisão- casa grande, com seus meninos, descendentes de senhores de engenho e os moleques, que moravam nas instalações das antigas senzalas. É neste cenário que estão presentes as faces das novas e velhas políticas, também é neste ambiente que é possível identificar, com riqueza de detalhes, os estereótipos raciais que a sociedade e o próprio autor acolhiam. Assim é possível analisar a exclusão social e espacial que sofreram os negros fora das senzalas e perceber também os preconceitos de classe e de cor, desse modo identificar nas falas dos personagens suas respectivas visões de sociedade e mundo.

Para este trabalho, objetiva-se identificar a representação das personagens através de suas características dadas pelo narrador. Apresentar as bases ideológicas das respectivas obras regionalistas do autor. Contextualizar as referências sociais, econômicas e políticas que o autor traz durante as narrativas. A partir dos elementos apresentados, buscou-se entender os meios pelos quais ocorrem as distinções étnico-raciais das personagens nos romances, elucidando a forma que o autor conduz essa crítica no âmbito social, nesta visão elencar pontos de referência que as obras trazem na atualidade e de que forma esta crítica é construída após décadas da sua publicação.

O NEGRO NA LITERATURA

O contexto histórico do personagem negro na literatura brasileira nos leva à compreensão de um país fadado a negar de todas as formas o preconceito racial. O preconceito é ascendente de geração em geração nos mais diversos setores e nas relações de poder, seja econômico, político ou social. Percebe-se o quão difícil é admitir-se que ainda existem falhas quando o assunto são as relações étnico-raciais.

Para essa discussão é preciso saber de que forma a figura do negro se consolida nas literaturas anteriores e posteriores à Abolição. Um processo nada imprevisível, considerando a situação econômica do Brasil, sobretudo nas plantações de café e açúcar entre os séculos XIX e XX, que por muito tempo foram as principais fontes de economia do país. A abolição da escravatura foi um processo lento e gradual e se estendeu por muitos anos após a Lei Áurea de 1888, e nenhuma medida de integração social e econômica foi estabelecida para garantir segurança e estabilidade para os negros em liberdade. Para compreender estes aspectos históricos recorreremos à literatura brasileira e seus autores que traçam um panorama que nos permite enxergar a figura do negro e seus respectivos papéis na sociedade brasileira, assim segundo BROOKSHAW (1983),

[...]como pessoa o negro foi descrito como quase tudo cabível na escala humana de interpretação: uma figura semelhante a fera que servia apenas para o trabalho pesado, um selvagem em quem não se pode confiar e que se revoltará na primeira oportunidade, um herói lutando contra uma opressão injusta, um servo fiel imbuído de grande amor por seu senhor, uma figura exótica que desperta desejo, um pobre ser humano rebaixado de seus anseios justos devido a uma instituição iníqua. (BROOKSHAW, 1983, p.99)

Escritores revelam as características dos negros e dos seus afazeres, seus comportamentos, seus referenciais físicos e de tudo que envolve o seu cotidiano, mas estas exposições acontecem de forma muito negativa a ponto de não existir aspectos positivos nas abordagens atribuídas aos negros, assim surgem os grandes mitos e o gatilho para se começar uma nova geração de pessoas que iriam contribuir com preconceito que existe hoje no Brasil.

Os leitores destas obras, de certa forma, foram influenciados e instigados a pensar negativamente nos negros como seres inferiores, dignos de pena ou de ódio. Sabe-se que estas descrições nada tem a ver com a essência dos negros que foram arrancados de seus lares e de seus familiares, que tiveram suas vozes caladas, e conseqüentemente foram assassinados não só fisicamente, como também moralmente pela maioria dos poderes existentes de um país, assim afirma Brookshaw (1983):

[...] a figura do negro na literatura brasileira, anterior a 1850, portanto antes da abolição do tráfico de escravos, praticamente não existe. Isto é surpreendente se considerarmos o papel diário desempenhado pelos escravos em muitas atividades. Já foi dito que a total ausência de escravos na literatura é um indício de que o escritor brasileiro não considerava o escravo de modo nenhum um ser humano. (*Ibidem*, p.86)

Neste contexto, considera-se importante destacar os períodos da escravatura que mais marcaram a figura do negro nas obras. Desta forma, a figura do negro oscilava entre o moral e o imoral dependendo das demandas da burguesia, ora era um ser bom e uma vítima, ora era um ser mau e influenciador, ora era um ser obscuro quase animalizado.

Como descrever a face da escravidão em uma época onde o Brasil buscava ser bem visto aos olhos de outros países? Para que isso ocorresse a imagem do negro foi empregada ao mundo através dos olhos cegos de poder e medo de escritores que influenciaram gerações e perpetuaram um ciclo de distorções sobre a figura do negro, inclusive na tentativa de branqueá-lo, procurando sempre se desviar do “problema” imediato que era a influência negativa da escravidão, como afirma Brookshaw (1983): “Interesses econômicos e não humanitários, foram portanto a força motivadora por trás da instituição Literatura Abolicionista, e isto explica os sombrios e, na verdade, negativos estereótipos do escravo que dela resultaram [...]” (*Ibidem*, p.12)

O negro enquanto personagem na literatura ocupa um espaço quase irrelevante considerando os papéis atribuídos a ele, sem voz ativa. Considera-se pensar que não se pode omitir o fato de que as bruscas mudanças, tanto para a burguesia quanto para os considerados excluídos ou escravos no período pós-abolicionismo, trouxeram novas perspectivas para a publicação de obras que retratavam a figura do negro sempre de forma negativa. Como afirma Schwarcz (2005):

O que se pode dizer é que as elites intelectuais não só consumiram esse tipo de literatura como a adotaram de forma original. Diferentes eram os modelos,

diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. (p. 17 -18)

A literatura abordava o tema da escravidão com diversas formas de desrespeito com o negro, sobretudo na sua identidade que não se consolidava nem se conhecia de fato, embora houvesse quem narrasse a sua genuína história, permanecia aquela que agradava a economia e as elites que insistiam em descrever o negro como um ser sem qualquer importância, seja para a sociedade ou para a própria história do país.

No mundo, de forma quase que unânime, o Brasil era conhecido pelas suas características multiétnicas, no entanto ainda se admitia pensar em branqueamento do país. Baseados nas correntes teóricas do Darwinismo e nos postulados de alguns cientistas raciais, acreditava-se que era questão de tempo para o país se tornar uma sociedade puramente branca. Enquanto isso o negro era descrito sem valor moral e desconsiderava-se qualquer tentativa de se admitir que o Brasil se tornaria uma nação mestiça. Porém essa seria uma missão impossível até mesmo para os escritores mais engajados da literatura do século XIX, e a sequência de obras no período pós-Abolicionista continuam mostrando de forma torpe uma imagem negativa criada sistematicamente e condicionadas aos padrões elitistas, portanto, as obras analisadas neste artigo seguirão esse padrão da imagem negativa do negro.

O “MENINO” E O “MOLEQUE”

Segundo PERISSÉ (2012) a palavra “moleque” vem da família linguística do Quimbundo que é uma das línguas bantas originadas na Nígero-Congolesa, mais faladas em Angola. Dessa forma, a palavra “moleque” chegou ao Brasil através dos escravos africanos angolanos, que originalmente chamavam os seus filhos de mu’lekes que traduzido para a língua portuguesa que tem como significado” garoto” ou “filho”. Essa mesma palavra tornou-se pejorativa, conforme seu registro no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda, onde o verbete possui como significados: “1. Negrinho. 2. *Bras.* Indivíduo sem palavra [...]. 3. *Bras.* Canalha, patife, velhaco. 4. *Bras.* Menino de pouca idade. [...]. 6., CE. Pop. V. diabo (2). [...]” (1986,

p.1050). Tanto no romance *O Menino de Engenho*, como em *O Moleque Ricardo*, essa palavra será constante e servirá como referência aos meninos negros.

A obra intitulada *O Moleque Ricardo* tem como protagonista um personagem negro e sua trajetória é marcada pelas mudanças e questões mal resolvidas da época principalmente sobre o futuro daqueles que receberam a liberdade, inclusive Ricardo. A partir destas informações propõe-se observar as características que representam o quadro social pelo olhar do personagem, sobretudo as relações desenvolvidas durante as narrativas. Já na obra *Menino de Engenho*, percebe-se o olhar bem definido de Carlos de Melo sobre as crianças negras que viviam no engenho: “Os moleques das minhas brincadeiras da tarde estavam todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral.” (REGO, 2001, p.24)

Os moleques eram crianças como ele, entretanto o mundo deles parecia e era realmente muito distante. A relação de Carlinhos com os moleques era meramente por interesses em comum, neste caso as brincadeiras que os moleques proporcionavam para ele no tempo livre.

Para compreendermos a essência desta análise, precisamos estar atentos às inferências que autor atribui ao personagem Ricardo na obra *O Moleque Ricardo* de maneira que perceba-se seu posicionamento em relação à atual situação dos negros no Brasil. Rego dispõe um enredo que nos permite enxergar as condições dos negros na cidade como descrito no trecho seguinte: “Já era de noite quando ele com seu novo dono atravessou a cidade no caminho de casa”. (*Idem*, 1976, p.10). O autor revela as reais condições dos meninos negros recém chegados na cidade grande ao declarar que o menino agora teria um novo dono, logo uma nova forma de sobreviver e ser mandado.

Inicialmente o autor apresenta uma “evolução” de Ricardo ao chegar em Recife como um negro trabalhador e honesto, porém o menino ainda apresenta a visão do negro serviçal, tanto que a rotina de Ricardo como trabalhador cidadão era praticamente a mesma do engenho, acordava cedo, e trabalhava até tarde da noite, com a diferença que recebia um salário na cidade. Assim, ao optar por fugir do universo canavieiro, a chegada ao Recife é descrita na obra como a conquista da liberdade, como a descoberta de um novo mundo.

Ao longo da narrativa, o autor mantém o estereótipo do negro sem conhecimento e trabalhador braçal, assim revela a ignorância de Ricardo em muitos aspectos entre estes sobre as diversas religiões existentes na cidade, como o Protestantismo e o Catolicismo. Ricardo foge o tempo todo de Seu Lucas, pai de terreiro que possuía muitos seguidores, pobres ou ricos.

Estivera preso como catimbozeiro, como negro malfeitor. Mas seu Lucas passava por tudo isso sem mágoa. Ele era de Deus que lhe importava os homens? Chamava Ricardo para ir com ele pra ver somente. O moleque enfeitava sempre...O Recife para o povo de engenho estava cheio de negros feiticeiros ...Deus o livrasse de se meter com xangô. Passava por Seu Lucas assim cortando caminho. (*Ibidem*, p.36-37)

Ricardo se acostuma à nova realidade na cidade grande, entretanto, é ao mundo do canavial que ele recorre em suas tentativas de compreender a cidade de Recife e o comportamento dos seus habitantes. O engenho Santa Rosa e a capital pernambucana podem ser vistos, como ponto de partida para as buscas de Ricardo em se encaixar naquela nova realidade. Sobre este cenário, Ricardo mantém as lembranças das relações afetivas e familiares do Engenho.

Ricardo desejava uma vida que lhe fosse menos árdua e a vida sugerida no engenho era marcada pela estagnação, pela ausência de aspirações sociais e perspectivas econômicas. Com efeito, o menino se vê numa situação monótona e começa a buscar uma solução que possa levá-lo a uma elevação promissora, e cria perspectivas em relação à nova vida na cidade: “O negro vinha do serviço com os pés engelhados com a canela melada de lama, como os trabalhadores do eito de Santa Rosa”...Ricardo amava tanto, que nem sentia a escravidão.”(*Ibidem*, p.22)

Seu destino não era tão distante da realidade do engenho e seu esforço para o trabalho era notável por todos e isso não era suficiente nem mesmo pra ele pois era conhecedor de sua condição social e fugia de todas as situações que lhe fizessem de alguma forma perder a confiança dos seus patrões.

Ricardo ao se deparar com a pobreza extrema da cidade, revela mais uma face de suas condições de trabalho no engenho, pois a maioria dos trabalhadores do canavial era pobre e servia a seus patrões, porém sua pobreza e sua servidão situavam-se no engenho, num ambiente em que a fome não existia. Assim a miséria da cidade é descrita

e comparada, aos olhos de Ricardo, como muito cruel e desumana, dando ênfase na “bondade” de se morar no engenho:

Os meninos eram amarelos como os do engenho, mas eram mais infelizes ainda. Lá, eles tinham o rio e a capoeira para entreter os vermes e o impaludismo. Os filhos de Florêncio faziam concorrência com os urubus, cascavilhando no lixo [...]. Ter fome era o diabo. No engenho o povo se aliviava na fava, na batata-doce. Ali não. Era mesmo não ter o que comer. (*Ibidem*, p. 45)

A capital se apresenta como esmagadora ao olhar do menino acostumado com a monotonia do engenho. Os seus relacionamentos inicialmente são impessoais e regidos pelo interesse de trabalho. E aos poucos Ricardo vê e sente a miséria com os desvalidos da cidade. Por essa ótica, Ricardo desperta os sentidos mais humanos de alguém que se compadece pelas histórias de vida dos seus amigos de trabalho. Mas, em nenhum momento, Ricardo é dono de suas próprias ações, mesmo sendo um adulto, é ainda chamado, pelo narrador, em várias passagens do romance de moleque.

Como contraponto, temos o personagem protagonista Carlinhos em *O menino de engenho* que vive muito bem na Fazenda Santa Rosa, propriedade do avô José Paulino, embora a perda de seus pais tenha lhe causado sequelas. O contato com os moleques e as primeiras brincadeiras revelam indícios de uma vida visivelmente saudável para uma criança da sua idade. No entanto, a vida dos meninos negros era descrita por Carlinhos como uma vida muito difícil embora isso não o comovesse. Ele queria sempre o benefício de brincar com os brinquedos feitos à mão pelos meninos negros, em troca se dispunha até a roubar alimentos da despensa para eles. “Pediam nos para furtar coisas da casa grande para eles: laranjas, sapatitis, pedaços de queijo. Trocavam conosco os seus bодоques, e os seus piões pelos gêneros que roubávamos na despensa (*Idem*, 2001, p.97)

O autor descreve a vida de Carlinhos alinhada aos padrões patriarcais dos engenhos. O menino é criado como um herdeiro que futuramente administrará a fazenda de seu avô. Desta forma ele cresce observando os atos do avô José Paulino, senhor de engenho, e as peripécias de seu tio Juca, nesse interim ele cria sua própria realidade entendendo basicamente tudo o que acontece na casa-grande e fora dela, começando pelo tratamento que seu avô e seu tio dão aos negros e negras do engenho:

[...]Na hora do almoço eu mesmo fui levar ao preso o prato de comida. Estava com o corpo todo dormente. Aquela imobilidade de mais de 24 horas ia deixando entorpecida a circulação. (...)Vamos, bote a mão aqui em cima e diga o nome de quem lhe fez mal. E a mulata com os olhos esbugalhados: — Juro que foi o doutor Jucá quem me fez mal . O meu avô não deu uma palavra. Só fez dizer: — Soltem o cabra. (*Idem*, 2001, p. 57)

Neste trecho percebe-se um assunto comum no engenho onde um negro chamado Chico Pereira é acusado de “fazer mal” à uma negra chamada Maria Pia, e o coronel como um senhor de engenho tenta resolver a situação da jovem e do prisioneiro no tronco e neste momento o coronel e todos da casa grande descobrem quem é o culpado da situação da jovem.

Ainda neste período pós-escravatura, existem muitos episódios de negros que viviam em suas antigas senzalas, embora estivessem livres, eram condicionados a permanecerem como se ainda fossem escravos, devido à falta de oportunidades e, sobretudo, ao quadro social que eles enfrentavam. A escravidão tirou todas as possibilidades dos negros ascenderem profissionalmente e socialmente, esse período pode ser caracterizado como um dos momentos mais difíceis para os negros, pois essa liberdade não gerou rapidamente oportunidades e nem mudanças, assim ainda houve um longo período de “escravidão” após a Abolição. Segundo Brookshaw, (1983):

Simultaneamente o trabalhador das plantações tendo deixado para trás a escravidão institucionalizada torna-se grandemente mais alienado com o desenvolvimento industrial, porque primeiro a abolição privou-o da segurança mínima que lhe concedia seu senhor e, depois, o desaparecimento dos últimos patriarcas residentes cortou-lhes os laços tradicionais de proteção pessoal transformando-o em membro de um novo proletariado rural. (*Ibidem*, p.115)

Nesse sentido, o trecho que retrata esta reflexão deixa impressões muito semelhantes às dos séculos anteriores, pois o tronco ainda está lá, e as mulheres negras ainda são retratadas como diversões para os herdeiros e donos de engenho. E diante destas cenas vai nascendo em Carlinhos a vontade de conhecer este mundo, ele vê de longe as situações cotidianas de um senhor de engenho, admirando as atitudes “idôneas” de seu avô José Paulino, ele o vê como um homem piedoso e um grande administrador

de terras, ignorando assim, a exploração de homens e mulheres negras nas terras desse senhor de engenho.

O autor destaca as impressões de Carlinhos como uma criança curiosa que nunca foge das descobertas que faz, muito pelo contrário, ele traça seu caminho como quem está descobrindo o mundo ao seu redor e se descobrindo.

E lá vinha com os detalhes, com as coisas erradas da vida desta mulher. Às vezes parava à porta, e era uma conversa comprida, cheia de ditos e de sem-vergonhices.— Olha o menino, Zé Guedes! Ô homem desbocado! Mas ele pouco se importava comigo,. Eu mesmo gostava de ouvir o bate-boca imundo. Pelo caminho o moleque continuava nas suas lições, falando de mulheres e de doenças do mundo. (*Ibidem*, p.48)

As dissemelhanças entre o menino, descendente de escravo e o menino, descendente de senhor de engenho, vão muito além dos aspectos sociais. Cresceram juntos, no entanto o “moleque” torna-se um objeto sobre o qual o “menino” poderá exercer seus caprichos, pois mesmo após a Abolição, as relações escravistas se mantêm quase intactas. Nesta perspectiva ainda é possível perceber que o problema da escravidão já abolida permanece dividindo o mundo em duas categorias brancos e negros, se não é pela cor é apesar da cor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível falar de racismo e não associá-lo à história da escravidão pois foi através dela que tudo começou. Atualmente, mais de 80 anos depois da publicação dos livros, ainda se ouve falar de preconceito racial e pior, se vive a prática do mesmo por pessoas que se consideram brancas ou superiores aos negros. Neste sentido, como observado nas obras, entende-se que a história por trás do Brasil preconceituoso teve seu início no período da escravidão e até hoje não teve fim e a única razão, que justifica tais práticas, está contida nas raízes elitistas dos séculos passados, que se utilizaram de suas influências e construíram um cenário horrendo ligado à figura do negro no país.

Essas influências estão em obras literárias produzidas no final do século XIX e início de XX, onde o negro é retratado de forma negativa. O que é estranho de todas essas obras é que nenhuma delas parte da premissa do negro como um ser humano que deve ser ressarcido de todo mal que a sociedade colonial fez.

Deste modo , ficou claro nas análises as diferenças impregnadas: Ainda na década de 30, onde o menino não consegue enxergar que o moleque também é parecido com ele, tem sonhos e anseios pela vida, porém séculos de escravidão não permitiram que esse mesmo menino enxergasse o outro sem antes olhar a cor da sua pele e sua condição social. Esse olhar impessoal determinou quem seria menor ou maior, se o menino branco e rico ou o menino pobre e negro. Hoje talvez não seja como na década de 30, porém o preconceito veio se organizando de forma diferente e se apropriando daqueles que não conhecem a sua própria história, pois se conhecessem jamais praticariam qualquer ato de discriminação racial. Percebe-se na obra *O Moleque Ricardo* o personagem com características dóceis de um negro bom e manso que é levado pela grandeza da cidade e todos os aspectos negativos que dela provém, pois nela há escravidão, preconceito, torturas psicológicas e físicas ,artifícios que autor esclarece a cada passo do personagem.

Assim, o que o autor aborda, descreve bem o conceito da sociedade vigente, principalmente os negros em conflito à procura de novos caminhos. Na obra *Menino de Engenho* é possível observar mais de perto as relações afetivas dos personagens embora exista a casa grande e a senzala, o autor descreve bem a família tradicional brasileira, principalmente o comportamento dos filhos e herdeiros de Engenho e as intensas relações afetivas dos negros com seus antigos senhores, e esta é mais uma face que autor deixa explícita na obra, por acolher através da personagem Carlinhos, as mesmas atitudes e demonstrações de preconceito que o seu avô e a casa-grande acolhiam. Desta forma, a reflexão que permanece é aquela que busca compreender a história por trás de cada ação preconceituosa regida por uma sociedade que insiste na ignorância e na falta de empatia com o próximo principalmente com os negros.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* 2ª edição editora nova fronteira S.A 1986.

BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. *A personagem de Ficção: A Personagem no Romance*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1964.

JEAN, Yves Mérian. *O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura*. Université de Rennes II – Haute Bretagne Navegações, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-60, mar. 2008

PERISSÉ, Gabriel. Dicionário Etimológico, *etmologia de Moleque*, 2012. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/001109804323486176346> acesso em 10 de novembro de 2019.

RABASSA, Gregory. *O Negro na Ficção Brasileira*- Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. *Menino de engenho*. 80ª ed. Rio de Janeiro; José Olympio,

2001. SCHWARCZ, Lilia. *O Espetáculo das raças, cientistas, instituições e a questão racial no Brasil 1879-1930*. São Paulo. Companhia das Letras. 1993.

Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 17-B (dez. 2009) - ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa> Gabriela Luft e Juliane Welter (UFRGS) *As personagens negras na literatura brasileira oitocentista:...* 16 [6-17